

CONVERSA DE BOIS: O FALAR DE UM MUNDO EMUDECIDO

Andréa de Moraes Costa BÜHLER
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: a partir da imagem da travessia de um carro de bois, imagem aparentemente simples, mas que perscruta os mistérios e desejos de outros mundos, o presente artigo realiza uma análise do conto Conversa de Bois de João Guimarães Rosa, explicitando a representação poética da separação entre a natureza e o homem subjacente ao episódio da travessia.

Palavras-chave: *Guimarães, Sagarana, bois.*

Conversa de bois é uma bela representação do drama da separação entre a natureza e a cultura, tendo no elemento maravilhoso, este mesmo que abole a fronteira do real e do imaginário, o lugar da mediação.

A estória nos fala de uma travessia de um carro de bois sob as ordens maldosas do carreiro Agenor Soronho e do seu empregado Tiãozinho, o menino guia. Dentro do carro, vão umas rapaduras pretas destinadas a engordar os negócios de seu Agenor, e junto igualmente, um defunto, pai de Tiãozinho, cujo destino deflagra as lembranças dolorosas do menino. O conto, então, organiza-se em torno de acontecimentos presentes ao longo da travessia, do fluxo memorativo do menino Tiãozinho e da conversa dos bois.

A narrativa abre-se em paisagem singular, focalizando, em tomada visual, aquilo que depois se concentraria em voz auditiva: A cantiga de um carro de bois que, com o seu “nhein... nheinhein... renheinhein” faz a terra tremer, emudecendo o mundo humano e dando voz a um mundo natural, arcaico, adormecido na memória coletiva. O coro do boi-bumbá, funcionando como epígrafe do conto, parece nos falar disto.

Há um ponto de confluência para o qual converge toda ação importante do texto, ou da narrativa central. Na nossa com-

preensão, este ponto expressa precisamente os ressentimentos, e mesmo ódio, nutridos por Tiãozinho em relação ao carreiro Agenor. A estória de Tiãozinho torna-se conhecida através de um rememoração, por vezes, subordinado aos acontecimentos externos. É no caminho da travessia, sob os desmandos perversos do Senhor Soronho, que vão aflorar as lembranças sempre misturadas com o fantasma da miséria e da solidão. Tiãozinho reconstrói o vivido, lembra-se da tristeza em ver o pai doente e a mãe entregue aos braços do carreiro, mandando o pai obedecer-lhe, porque era mesmo o Soronho que estava sustentando a família toda. É precisamente esta cadeia de dependência econômica, implicada no dever de lealdade e obediência ao carreiro Agenor, que vai gerar todo o ressentimento do menino e, também, o desejo latente de livrar-se do déspota. Este motivo, inscrito num espaço real, entrelaça-se com o motivo dos bois inscritos num espaço mítico; motivo igualmente ressentido, pelas suas condições de dominados e explorados. São esses os fios que se vão urdindo e unindo-se até culminar na morte de Agenor Soronho. A intenção é restaurar a harmonia entre a natureza e o homem, ainda que, para isto, tenha-se que recorrer a um elemento maravilhoso.

O conto remete o leitor ao modelo de um mundo idealizado, encontrado nos contos de encantamento. A narrativa abre-se a partir de um deslocamento no tempo e no espaço introduzido por “que já houve um tempo...”, forma canônica que estrutura a narrativa desses contos. O leitor ingressa em um outro mundo, o mundo do faz de conta, onde novas leis o regem e uma nova ordem se instaura com causalidade própria, diferente daquela do mundo convencional.

O maravilhoso, elemento indispensável no conto de encantamento, dá-se em tintas muito fortes na narrativa *Conversa de bois*, criando um modelo de realidade em que os acontecimentos e as coisas não podem ser explicados por uma lógica convencional. Nesse modelo, os desejos e as fantasias podem realizar-se, pois, ao construir-se um mundo fantasioso, instaura-se uma

lógica diferente que passará a reger os acontecimentos de modo que esses satisfaçam as expectativas e os desejos do personagem. Assim, a intervenção do sobrenatural, do maravilhoso, tem a função de retificar no mundo real aquilo que não atende às aspirações do herói e, conseqüentemente, não o satisfaz. É válido assinalar a inversão entre causa e efeito, sendo esta que vai marcar precisamente o discurso maravilhoso, em oposição ao discurso histórico convencional, cuja base origina-se da relação causa e efeito. De certa forma, esta polaridade liga-se ao drama da separação entre a cultura e a natureza, drama este tematizado ao longo da narrativa, de modo a constituir mesmo o seu núcleo. Guimarães Rosa opta pelo discurso maravilhoso, a fim de apreender melhor o mundo natural, longe das formas convencionais caducas, que tentam aprisionar, oprimir este mundo.

O efeito de encantamento que sustenta a narrativa abriga uma moral ingênua, isto é, os acontecimentos, por mais difíceis que sejam, encerram um final feliz. Assim, no desenrolar da narrativa, verifica-se o confronto entre o Bem (Tiãozinho, o menino guia) e o Mal (o carreiro, Agenor Soronho), com a vitória do Bem, através da ação do elemento mágico, entendido como veículo necessário para que a injustiça ou a imoralidade do universo real seja reparada.

O afastamento introduzido logo no início da narrativa e a recorrência a elementos mágicos na solução de impasses criados na fabulação apenas mascaram a utilização de todo um ideário mitológico popular. Nele, as crenças religiosas, a visão mágica do mundo e as tradições várias, herdadas de um modo de existência coletiva de uma ancestralidade, fluem, religando o ouvinte a uma memória primeva, recalcada pela racionalidade na vida moderna. Estas duas lógicas articulam-se e contrapõem-se no interior da narrativa: de um lado, vê-se um modo de vida arcaico, terno, pautado pelas leis da intuição, do afeto e da sensibilidade; de outro, um modo de vida moderno, permeado pelo dinheiro e pautado pela exploração. Ao primeiro modo de vida corresponderia a imagem dos bois e igualmente a figura do me-

nino guia, Tiãozinho, identificado na conversa dos bois como bezerro de homem. A comparação está longe de ser fortuita, uma vez que, além de revelar uma realidade econômica onde vaqueiros e bois fazem parte de uma mesma paisagem, assinala como ponto fundamental a sintonia afetiva, que mais tarde culminará numa simbiose entre Tiãozinho e os bois, lembrando-nos de um passado sub-histórico, em que a vida do indivíduo era a vida da espécie. Ao segundo modo de vida corresponderia o carreiro Agenor Soronho, homem muito “mal encarado” cuja malignidade, fundada na calculabilidade do lucro e na exploração, típico de um pensamento econômico e produtivista, pode ser atestada em toda a sua fala.

Em *Conversa de bois*, Guimarães Rosa remonta ao tempo mítico, onde tudo era falante e onde havia uma unidade indissolúvel entre o homem e a natureza. No entanto, essa experiência do sagrado dá-se em oposição a um mundo real, moderno, dessacralizado, em que as relações entre homem e natureza se tornaram problemáticas. Observamos, por exemplo, a fala de um dos bois, num diálogo travado entre eles, em que tentam fixar e reconhecer-se como algo distinto do homem:

O homem é um bicho esmochado, que não devia haver. Nem convém espiar muito para o homem. É o único vulto que faz ficar zozzo, de se olhar muito. **É comprido demais, para cima, e não cabe todo de uma vez, dentro dos olhos da gente.** (Rosa, 1984, p.308. grifo nosso)

Esta fala parece nos dar o testemunho da separação do homem em sua relação com a natureza, quando ele adquire a posição ereta e passa então a produzir cultura, a pensar. É sobre este eixo que gravita toda a conversa dos bois e é esta a chave para a compreensão do conto.

É elucidativa a constatação, de modo reflexivo, feita por um dos bois, de que a domesticação deles pelo homem, precisamente instrumentalizados como força de trabalho (são eles

bois de carro), resultaria numa forma de pensar semelhante ou igual à do homem. Tal efeito produzido pelo pensamento é o elemento que possibilita, a nosso ver, o reconhecimento deles - bois-, enquanto força de trabalho, diferente de outros que vivem a pastar e sem trabalhar: “Os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois de carro, sabemos pensar como o homem”.(Rosa, 1984, p.311)

O reconhecimento então se dá e se justifica a partir dessa compreensão de domínio. Ao subjugar a natureza, o homem torna-se o seu senhor. As falas dos bois, disseminadas ao longo do conto, oscilam entre o reconhecimento de inferioridade e superioridade em relação ao homem. De um lado, expressam obediência e temor; do outro, sentem-se mais fortes que o homem, capazes de reverter ou livrar-se, como está demonstrado no final do conto, das condições que os escravizam, os brutalizam. Isto é igualmente válido para o menino guia, Tiãozinho, que, acionado pelo desejo de livrar-se de seu Agenor Soronho, “o diabo grande”, é ajudado pelos bois na realização do seu desejo.

Importa assinalar, a partir das falas dos bois, especialmente das falas dos bois Brilhante e Rodapião, o perigo de viver perto do homem e aprender a pensar como ele. A fala do boi Realejo confirma isto, e leva-nos a uma compreensão da separação entre o mundo do trabalho e o mundo da natureza. Bem de raiz, ela é a marca do empreendimento civilizador, cuja lógica capitalista repousa na exploração do trabalho:

Podemos pensar como homem e como bois. Mas é melhor não pensar como homem... É porque temos de viver perto do homem, temos de trabalhar... Como os homens... Por que é que tivemos de aprender a pensar? (Rosa, 1984, p.311)

O pensamento produz uma fratura na totalidade harmônica entre o homem e a natureza, enseja a perda do paraíso edênico suscitando o medo, a tristeza, a fome, o calor: “É ruim ser boi-de-carro. É ruim viver perto dos homens... As coisas ru-

ins são do homem: tristeza, fome, calor – tudo, pensando, é pior ...” (Rosa, 1984, p.311)

As verdades do sentimento dos bois fundem-se igualmente com as verdades do sentimento, vivenciadas por Tiãozinho. No conto, elas associam-se ao domínio do sagrado, pertencem a uma área obscura, cuja imersão consiste em ultrapassar todo o conceito, toda a inteligência e toda a razão. Tal proposição encerra uma verdade profunda, aponta a diferença que separa a inteligência, o pensamento discursivo e conceitual típico do mundo ocidental, da faculdade do juízo sentimental.

Para que se possa ingressar neste cosmo sagrado, para reinterar a totalidade perdida, a origem que está sempre antes da queda, antes do corpo, antes das torpezas históricas, é necessário abandonar-se aos sentimentos puros, onde a alma abre-se à obscuridade dos sentimentos, da intuição. Lá onde a alma pretende se unificar. O caráter essencial de tal entendimento está representado em todo o conto. Na estória do boi Rodapião, ele torna-se ainda mais manifesto. Rodapião, por viver muito perto dos homens, desenvolve uma capacidade lógica de raciocínio que o torna incompreensível para os demais bois. Rodapião tenta conduzir e guiar os outros a obter alimento e água fáceis, a partir de demonstrações lógicas, mas complicadíssimas para os companheiros. Acha-se muito inteligente, mas acaba vítima fatal de seus raciocínios sofisticados.

Vejamus uma passagem onde se pode depreender a diferença entre o conhecimento sensível e o conhecimento racional. O primeiro é associado por Rodapião a princípios obscuros, inferindo-o como sendo de ordem inferior. O segundo para ele seria o mais adequado, o superior, donde se pode concluir que a razão seria a luz:

... A gente deve de pensar tudo certo, antes de fazer qualquer coisa ... vocês não fazem como eu, só porque são bois bobos, que vivem no escuro e nunca sabem porque é que estão fazendo coisa e coisa ... É preciso pensar cada pedaço de cada coisa, antes de cada começo de cada dia ... (Rosa, 1984, p.325. grifo nosso)

Ora, é precisamente esse conhecimento sensível, intuitivo, escuro, que Guimarães Rosa vai eleger como superior, dotando-o através do elemento maravilhoso, de força regeneradora, capaz de equilibrar o tempo mítico, sagrado com o tempo histórico, profano.

Não é fortuito o desfecho, quando Agenor Soronho e Tiãozinho adormecem. Trata-se de uma imersão no informe, na escuridão, onde o poder dos sentimentos desperta, lembrando Goethe, quando diz: “Os sentimentos que, sem o homem saber, ou sem que ele os possa deter, caminham na noite através do labirinto do coração.” (Goethe apud Otto, s.d, p.190). O boi Rodapião já havia dito que os outros bois viviam sem pensamento, na escuridão, sem luz e isto lá não tinha muito sentido, já conhecemos o seu fim. Ao contrário, no desenlace da narrativa, há um sentido para o qual a obscuridade é mais plena do que a luz, porque instaura a totalidade, reconciliando o homem com a natureza.

No momento em que Agenor Soronho e Tiãozinho adormecem, a narrativa torna-se muito densa, as vozes dos bois intercalam-se com as de Tiãozinho e esse trecho se configura como o momento de máxima tensão dentro do conto. As vozes dos bois dramatizam e focalizam o eixo central do texto:

O homem caminha por fora. No nosso mato-escuro não há dentro e nem fora ... — É como o dia e a noite ... O dia é barulhento, apressado ... A noite é enorme ... — O bezerro de homem sabe mais, às vezes ... Ele vive muito perto de nós, e ainda é bezerro ... Tem horas em que ele fica ainda mais perto de nós ... **Quando está meio dormindo, pensa quase como nós bois** ... Ele está lá adiante, e de repente vem até aqui ... **se encosta em nós, no escuro ... No mato escuro de todos os bois** ... tenho medo de que ele entenda a nossa conversa ... (Rosa, 1984, p.334. grifo nosso)

É então, por um mergulho no mato escuro da noite, que os sentimentos, os desejos fluem e podem realizar-se. Com efei-

to, os sentimentos e vontades que dormiam no sono mágico do coração despertam e ganham realidade. Nessa perspectiva, o menino e os bois se fundem num ser maior e vingativo. A fala dos bois e do menino intercalam-se e confundem-se. O menino passa a ser bicho como os bois e, como tal, tem raiva do homem de quem quer vingar-se. Num crescendo, o menino sobrepõe sua voz à dos bois e impõe sua vontade: vingar o pai, matar Agenor Soronho, “o grande diabo”. Há uma espécie de simbiose entre homem e animal. Nesse ambiente, Tiãozinho transita do imaginário (onde há a realização de seu desejo) ao real, onde volta a haver o equilíbrio.

Tiãozinho (o mundo humano), já metaforicamente chamado bezerro - menino, funde-se com os bois (mundo natural) e uma nova ordem integrante e complementar emerge dessa simbiose. Essa imagem opõe-se àquela da natureza subjugada pelo homem, cuja intenção, longe de ser contemplativa, visa ao lucro e ao êxito individual. Neste aspecto, Agenor Soronho é emblemático, pois que é determinado pelo ideal do progresso e da evolução humano - civilizatório. Ele é a luz ardente, precisamente a razão ambiciosa, “barulhenta e apresada”, que ofusca e desencanta o mundo. Desencantamento que tomou sentido naquilo a que Horkheimer chama “a universalidade do cálculo” (Horkheimer apud Maffesoli, 1978, p.122), em que predomina o comportamento em vista de uma finalidade. Guimarães Rosa opta pelo desrecalque de um mundo misterioso, encantado, cruelmente emudecido pelo falar presunçoso da razão, da “megeira cartesiana”, como ele mesmo chama.

REFERÊNCIAS

MAFFESOLI, Michel. *Lógica da dominação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.